

Banda Sinfónica Portuguesa

Quarteto Contratempus

Jan Wierzba maestro

10 Set 2023
19:00 Sala Suggia

1ª PARTE

OBRAS FINALISTAS DO
XI CONCURSO NACIONAL DE COMPOSIÇÃO BSP

Miguel Tiago Moura

Túmulo de Sophia (2023; c.12min)*

O Silêncio — O Grito — O Silêncio

Afonso de Portugal

O Silêncio (2023; c.14min)*

1. Definição de espaço — Primeiro grito
2. Momento suspenso — Novos gritos —
No outro lado do passeio
3. Desespero
4. O retorno do silêncio

Francisco Ribeiro

Through my Glassy Veil (2023; c.12min)*

Prémio do Público

Leia o código QR com o seu telemóvel
e participe na votação.



*Estreias mundiais.

Textos declamados por Susana Branco (Teatro O Bando)
Anúncio do Prémio do Júri no início da segunda parte.

Notas dos compositores

Túmulo de Sophia é uma homenagem à obra e à pessoa de Sophia de Mello Breyner Andresen. Uma mulher lava a loiça, em silêncio, “como se estivesse a lavar a sua alma”. Nesta atmosfera tem início a peça: no *Dies Irae* dos oboés, no silêncio que paira “como uma sede estendida”. Ouve-se um grito. Aqui, o carácter é contrastante. Este é um silêncio que grita “contra as paredes, contra as pedras, contra a sombra da noite”. Depois volta o silêncio. Este não é Dia de Ira, mas de paz. No *Túmulo de Sophia* todos podem descansar.

MIGUEL TIAGO MOURA

Inspirada no deslumbrante texto *O Silêncio*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, esta peça (...) entrelaça palavras e música. Começa com uma atmosfera serena, ilustrando uma noite estrelada e calma. Com toques exóticos do Oriente, mas profundamente enraizada na estética da música clássica, a composição aumenta gradualmente de intensidade. As notas delicadas evocam a brisa e o brilho das estrelas, enquanto um grito cortante rompe a tranquilidade da noite, e é aqui que a música assume um carácter visceral. Na progressão da história, os gritos de uma mulher desesperada ecoam, e a música, intensa e penetrante, ilustra a sua angústia e o desespero enquanto ela luta contra o silêncio opressor. A tensão cresce, imersa numa cacofonia de emoções, até que gradualmente dá lugar a uma tristeza silenciosa e resignada remetente do início.

AFONSO DE PORTUGAL

Through my Glassy Veil retrata a perspetiva de um observador que vê a luta desesperante de uma mulher através da sua janela. O que inicialmente se percebe como um olhar distante transforma-se gradualmente em algo mais envolvido, quase se misturando com a mulher abusada pelo homem que implora o seu silêncio. O inicial distanciamento mostra-se através de harmonias simples e uma melodia que podia ser assobiada; no entanto, há sempre alguma interrupção (...). Esta insistente corrupção revela-se um presságio da eventual violência, infiltrando-se até se tornar o plano principal e rompendo quaisquer regras estabelecidas no início da peça. A certa altura, a própria música parece irritada com o homem que prende a mulher e grita com ela ao mesmo ritmo numa total depravação da música tonal que antes se ouviu, culminando, tal como no texto, em resignação. Inevitavelmente, a música acaba como começou, mas claramente diferente, magoada, tal como a infeliz conclusão de outras tantas violências.

FRANCISCO RIBEIRO

Delícia de Morango e Chantilly (2023; c. 40min)

Cantata cénica (estreia mundial)

Pedro Lima composição

Edward Luiz Ayres d'Abreu libreto (em colaboração com o ChatGPT e outras fontes de inteligência artificial)

Banda Sinfónica Portuguesa

Quarteto Contratempus

António Durães encenação

Tatiana Rocha assistente de encenação

Jan Wierzba maestro

BUNNY, TIPO COELHINHA — **Teresa Nunes** soprano

BENNY, AMOR DA SUA VIDA — Faltou aos ensaios

ÁGURE — **Miguel Leitão** tenor

SACERDOTISA — **Carolina Leite Freitas** violoncelo

BORIS, PIANISTA — **Bernardo Pinhal** tenor-piano

ATCHIM, BARMAN — **Crispim Luz** clarinete

O RESTO DOS BÊBEDOS — **Banda Sinfónica Portuguesa**

Figurinos e adereços: Patrícia Costa

Desenho multimédia: Hugo Mesquita

Desenho de luz: Mariana Figueroa

Desenho de som: José Afonso Monteiro

Conceção do espaço cénico coletiva

Construção de cenografia: Rui Azevedo

Produção: Marta de Baptista

Direção de cena e assistência de produção: Maria João Ferreira

Maestro assistente e legendagem: Tiago Brás

Voz off: Ana Rosa Silva e Natalie Gonçalves

Cocriação Banda Sinfónica Portuguesa e Quarteto
Contratempus, estruturas financiadas pela República
Portuguesa — Cultura / Direção Geral das Artes

Sinopse

Imaginem tipo um piano bar, mas tipo não exatamente: uma espécie de espaço de ensaios tipo de uma banda sinfónica. De qualquer maneira, isso não interessa tipo nada. A grande questão é que tipo a Bunny, a modos que personagem principal, está apaixonada pelo Benny, que é tipo secundário. Há, todavia, um problema entre eles, derivado tipo das vicissitudes da vida. Entretanto, diz que a coisa só se resolve com a intervenção de um Águre e de uma Sacerdotista — e é isso que nós queremos ver...

Pedro Lima composição

Pedro Lima nasceu em Braga, em 1994. No Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, descobriu a arte da composição pela mão do seu primeiro mestre, Paulo Bastos. Aprofundou os estudos em Lisboa, com João Madureira, Luís Tinoco, António Pinho Vargas e Carlos Caires. Em 2017 viaja para Londres, onde completa, com distinção, o mestrado em *Opera Making & Writing*, sob a tutela de Julian Philips e Julian Anderson, na Guildhall School of Music and Drama. Deste curso nasce a (feliz) colaboração com o libretista inglês Gareth Matthey na escrita de várias obras lírico-musicais.

A sua primeira peça para orquestra foi estreada na Konzerthaus de Berlim, em 2015 — *ONCE AGAIN: Eternal Goodbyes* foi tocada pela primeira vez pela Jovem Orquestra Portuguesa, dirigida por Pedro Carneiro. Nesse mesmo ano é finalista no Concurso de Composição da Banda Sinfónica Portuguesa, com a obra *Sopro do Côncavo* (2015). A peça encontra-se editada em CD pela mpmp.

Foi vencedor do Prémio de Composição da SPA em 2016; e Jovem Compositor em Residência na Casa da Música em 2019, onde escreve *Talking About my Generation* (2019) para o Remix Ensemble — mais tarde premiada na Tribuna Internacional de Compositores, na Sérvia, em 2021. Foi cocriador da ópera *O tempo, somos nós* (2022), parceria com reclusos e comunidade do Estabelecimento Prisional de Leiria e com a Orquestra Gulbenkian. Algumas parcerias alternativas deram lugar a *O meu Velho diz que morre* (2022), com o Grupo Folclórico da Corredoura e coreografia de Maria R. Soares, e *LUZ* (2021), performance imersiva em colaboração com Manuela Ferreira e José Álvaro Correia.

No início de 2024 é editado o seu álbum monográfico *TALKIN(G) ABOUT MY GENERATION*, com peças/canções que procuram meditar sobre o fenómeno geracional onde Pedro Lima se insere.

Edward Ayres de Abreu libreto

Musicólogo, compositor e gestor, Edward Ayres de Abreu é diplomado pela Escola Superior de Música de Lisboa (licenciatura em Composição), Universidade Nova (mestrado e doutoramento em Ciências Musicais) e AESE Business School (Executive MBA). Ao longo do seu percurso académico, foi bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, da Imprensa Nacional — Casa da Moeda e da AESE Business School. Como musicólogo, foi distinguido com o 2.º prémio do Concurso Otto Mayer-Serra (2017), da Universidade da Califórnia, Riverside, e com o Prémio Joaquim de Vasconcelos (2019), da Sociedade Portuguesa de Investigação em Música. Tem colaborado com a Gulbenkian Música, a Casa da Música e o Teatro Nacional de São Carlos. Fundou e dirigiu (2009-22) o MPMP Património Musical Vivo. É, desde 2021, 2.º vogal da Direção da Sociedade Portuguesa de Investigação em Música. Em 2022, iniciou as funções de diretor do Museu Nacional da Música.

Concebeu os *libretti* de duas óperas com música de Daniel Moreira: *Cai uma rosa...* (Teatros Municipais do Porto e de Almada, 2015) e *Ninguém & Todo-o-Mundo* (Teatro Helena Sá e Costa, 2018). Escreveu três óperas — a última delas, *Manucure*, estreada em 2012 no Teatro Nacional de São Carlos, sob a direção de João Paulo Santos e a encenação de Luís Miguel Cintra.

António Durães encenação

Nasceu na Figueira da Foz, em 1961. Frequentou o curso da Escola de Formação Teatral do Centro Cultural de Évora. É profissional de teatro desde 1984 e, desde 2000, professor de Interpretação nos cursos de Teatro e Música (Canto) na ESMAE.

Exerce regularmente, desde 1995, a atividade de encenador e uma parte dela dedicada à música. Entre os espetáculos que dirigiu contam-se *Winterreise* de Schubert (2012); *Então Ficamos*, espetáculo de não-encerramento de Guimarães Capital Europeia da Cultura (2012); *L'Elisir d'Amore* e *Rita*, óperas de Gaetano Donizetti (2006); *Maldoror*, espetáculo musical dos Mão Morta (2007); *Variações Sobre a Perversão*, de vários autores/compositores, no TNSJ (2007); *O Sessenta e Seis*, de Offenbach; *Ninguém & Todo-o-Mundo*, de Daniel Moreira/Ayres d'Abreu; *O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis*, de Ruy Coelho; *Porto Pronto*, de Regina Guimarães e Fernando Lapa (2022), entre outros.

Para a ESMAE, dirigiu ou codirigiu *A Audição*, a partir de cenas de Mozart; *Ópera dos Três Vinténs*, *Sete pecados Mortais dos pequeno-burgueses* e *Pequeno Mahagony*, de Brecht/Weill; *A Hora Espanhola* e *L'enfant et les sortilèges*, de Ravel; *La Donna di Genio Volubile*, de Marcos Portugal; *Ópera Real* (2023); *Os Noivos*, de Francisco Sá Noronha (2022); entre outras.

Para o Quarteto Contratempus, dirigiu *As Sete Mulheres de Jeremias Epicentro*, de Jorge Prendas/Mário João Alves; *Os Dilemas Dietéticos de uma Matrioska do Meio*, de Nuno Côrte-Real/Mário João Alves; *Simplex*, de Telmo Marques/José Topa/Carlos Tê; *A Querela dos Grilos*, de Fátima Fonte (2015); *Semana Profana*, de Fernando Lapa e Regina Guimarães (2013); e *Lugar Comum* (2022), entre outras.

Integra o coletivo Sindicato de Poesia, em Braga.

Jan Wierzba maestro

Nascido na Polónia e criado no Porto, Jan Wierzba é reconhecido como um dos maestros mais versáteis da sua geração. Interessa-se por um leque amplo de repertório, desde a música barroca até à contemporânea. Apresentou-se em ópera e em espetáculos pedagógicos de diversos formatos, bem como em contexto coral e sinfónico. É um entusiasta de projetos multidisciplinares e interessa-se pelo desenvolvimento de novas possibilidades na arte da direção de orquestra.

É professor de orquestra na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo e maestro convidado principal do Operafest Lisboa. Foi maestro titular da Orquestra Clássica do Centro (2018-21) e maestro assistente da Orquestra Filarmónica dos Países Baixos (2017-19). Integra a direção artística do Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa (MPMP) e é diretor artístico do Ensemble MPMP, promovendo a música erudita portuguesa de todas as épocas. Dirigiu praticamente todas as principais orquestras nacionais e ainda a Real Filharmonía de Galicia, a Netherlands Chamber Orchestra, o Ensemble MPMP, o Síntese Ensemble e o Sepia Ensemble, entre outros agrupamentos.

No contexto operático, dirigiu a primeira edição do FIO — Festival Informal de Ópera e foi maestro residente no Operosa Festival, que teve lugar na Sérvia e no Montenegro. Estreou uma dezena de óperas de compositores vivos. Participou em masterclasses com Carlo Rizzi e foi um dos jovens artistas convidados a participar na International Community Arts Academy, uma organização conjunta da Berliner Philharmoniker, da London Symphony Orchestra e do Festival d'Aix-en-Provence, tendo também participado no *workshop* "Opera in Creation" durante o Festival d'Aix-en-Provence, tudo ao abrigo da European Network for Opera Academies. Foi maestro assistente do Coro da Ópera Nacional Holandesa e maestro do Coro do Círculo Português de Ópera.

Enquanto bolsheiro da Fundação Gulbenkian, frequentou o grau de Konzertexamen na Hochschule für Musik Franz Liszt, em Weimar, com Nicolas Pasquet e Eckhart Wycik, e terminou o mestrado em Direção no Royal Northern College of Music (RNCM), onde estudou com Clark Rundell e Mark Heron. Licenciou-se em Direção de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Jean-Marc Burfin, e em Piano pela ESMAE, na classe de Constantin Sandu. É laureado do Prémio Jovens Músicos, do Mortimer Furber Prize for Conducting e do Prémio do Rotary Club da Foz. Recebeu ainda a bolsa da Yamaha Music Foundation for Europe.

Quarteto Contratempus

O Quarteto Contratempus é uma estrutura de criação artística centrada em produção e circulação de ópera e música em cena contemporânea. A sua missão é valorizar a investigação e experimentação artística, como prática inovadora do desenvolvimento e conhecimento, através do uso de tecnologia em ópera de câmara multimédia e música de câmara, envolvendo as comunidades, aumentando o espólio de música de compositores portugueses e divulgando a música contemporânea portuguesa pelo mundo.

O percurso do QC iniciou-se em 2008, com a estreia da obra *Semana Profana* de Fernando Lapa, no âmbito da disciplina de música de câmara da ESMAE. Esta obra foi posteriormente encenada por António Durães. Em 2018 foi-lhe atribuído o 3.º prémio nacional das indústrias criativas e o prémio "Born from Knowledge". Alguns dos principais projetos desenvolvidos foram as óperas cômicas *Os dilemas dietéticos de uma matrioska do meio* (2016), *As Sete Mulheres de Jeremias epicentro* (2017) e *Simplex* (2019) — coproduções com o Teatro Municipal do Porto; a ópera para famílias *Pequena história de um povo com memória* (2020-21, coprodução com Município de Gondomar); a ópera em formato 'audiowalk' *Paramos ou morremos* (2021, coprodução com Mondim de Basto); *Torre da Memória* (2021-23), um projeto de formação e recolha intergeracional da memória sobre a vida do mar, com o apoio Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Bissaya Barreto e EEA Grants; *Contrapartituras*, laboratório de ópera/música em cena (2021-presente), Espaço QC; *Lugar comum*, uma ópera sobre violência contra a mulher (2019-22, coprodução com o Teatro Municipal do Porto e a Santa Casa da Misericórdia do Porto).

Em 2023, o Quarteto Contratempus estreia: *Raiz Pivotante*, concerto encenado sobre música tradicional do Norte de Portugal

(2023, coprodução com o Município de Mondim de Basto; e *Torre da Memória*, ópera sobre a cultura do mar (2023, coprodução com o Município de Esposende). Encontra-se a preparar as estreias de *Delícia de Morango* e *Chantilly* (2023), em cocriação com a Banda Sinfónica Portuguesa, na Casa da Música, e *Contrapartituras 2023*, laboratório de música em cena. Está a preparar o FIATO, Festival de Ópera do Porto, para 2024.

O Quarteto Contratempus tem chamado a si a missão de desenvolver projetos de intervenção social, partindo sempre da pergunta: “O que queremos dizer ao mundo?”.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação em 2005, no Rivoli — Teatro Municipal do Porto. Ao longo dos anos, tem vindo a apresentar-se nos palcos mais importantes do nosso país, colaborando regularmente com a Fundação Casa da Música (onde é agrupamento associado), a Portolazer, a Ágora, a Fundação de Serralves, o Coliseu do Porto e vários municípios. Destaca-se a realização de concertos na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria e Lleganés, além de participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces.

O seu repertório para formação sinfónica estende-se dos arranjos mais clássicos às obras originais e a muitas estreias de compositores contemporâneos como Luís Tinoco, Sérgio Azevedo, Carlos Azevedo, Luís Carvalho, António Victorino d’Almeida, Fernando Lapa, Daniel Moreira, entre muitos outros. De realçar ainda o trabalho camerístico de vários dos seus grupos e ensembles.

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, entre os quais Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Raúl da Costa, Vasco Dantas, Adriana Ferreira e vários músicos da própria orquestra. Algumas apresentações contaram ainda com

a participação de coros e de grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage e European Tuba Trio.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso. Foi ainda dirigida por maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho e André Granjo. Tem recebido as melhores críticas, não só do público geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros.

Gravou diversos CD, muitos deles para a editora holandesa Molenaar. Promove masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como os Cursos de Direção (contando já 30 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça).

Em 2017, deu início ao Festival BSP Júnior, que se realiza anualmente no verão e reúne centenas de jovens instrumentistas. Em 2014, realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaying. Em 2017, na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, participou no 18.º Festival do World Music Contest (Kerkrade) e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles (Utrecht). Em 2019, realizou uma digressão às Canárias (Tenerife e Grã-Canária).

A BSP obteve o 1.º prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia (1.ª secção, Catalunha, 2008) e o 1.º prémio na categoria superior (Concert Division) do World Music Contest em Kerkrade (Holanda, 2011) — com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso, considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural sem fins lucrativos, apoiada pela Direção-Geral das Artes. A direção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Banda Sinfónica Portuguesa

Flauta

Herlânder Sousa
Daniela Anjo
David Leão (flautim)

Oboé

Beatriz Barros
Diana Magalhães
Rodrigo Sarabando
(corne inglês)

Fagote

Pedro Rodrigues
Beatriz Rios
(contrafagote)

Clarinete

Tiago Bento
Nuno Sousa

Marco Sousa
Nuno Antunes
João Ramos

Luísa Marques

Tiago Batista
Carina Baptista

Rui Lopes
Sara Costa
Ângelo Santos

Manuel Pinheiro

Filipe Pereira (requinta)
Hugo Folgar (baixo)

Saxofone

Gilberto Bernardes
(alto)

José Pedro Gonçalinho
(alto e soprano)
Isabel Anjo (tenor)

Jorge Sousa (tenor)
Telma Fontes (barítono)

Trompeta

Telmo Barbosa
Sérgio Pereira
(cornetim)

Tiago Peixoto

André Santos
(cornetim e fliscorne)

Manuel Ferreira
(fliscorne)

Trompa

Samuel Ferreira
Luís Oliveira

Nelson Silva
André Gomes
Hélder Vales

Trombone

Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Tiago Noites

Eufónio

Nuno Costa
Luís Gomes

Tuba

Jorge Fernandes
Xavier Novo

Percussão

Sandro Andrade
(tímpanos)

Pedro Góis
Jorge Lima
Luís Santiago

Paulo Mota

Gabriel Teixeira

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Piano/Sintetizador

Marta Silva

Assistência Musical

Tiago Brás
Ana Raquel Martins

Operação Técnica

Iluminação

Bruno Mendes
Rui Leite

Palco

José Torres
José Vilela

Som

António Cardoso
João Guimarães
Jorge Vasconcelos

Vídeo

Luís Alves
Marcelo Reis

Assistência de Cena

Filipe Teixeira
Nuno Ribeiro